

1

O homem jazia deitado imóvel, tão imóvel como um pedaço de carne sobre uma laje, tão imóvel como a própria morte. Apesar de a sala estar fria, só estava coberto por um fino lençol de algodão que lhe deixava a cabeça e o pescoço destapados. Visto à distância, o peito parecia anormalmente elevado, como se lhe tivessem colocado um suporte qualquer ao longo das costas. Se esta forma branca fosse serra coberta de neve que um caminhante já cansado avistasse no final de um longo dia e tivesse de transpor, ele escolheria, por certo, caminhar a todo o comprimento do homem para atravessar ao nível dos tornozelos e não do peito. A subida seria demasiado longa e íngreme, e quem sabe que outras dificuldades se lhe deparariam ao descer do outro lado?

Vista de lado, a altura pouco natural do peito era óbvia; de cima — se o caminhante estivesse agora num pico e pudesse olhar para o homem, lá em baixo — era o pescoço que se tornava conspícuo. O pescoço — ou, para ser mais rigoroso, a falta dele. De facto, o pescoço era uma ampla coluna que lhe saía abaixo das orelhas e vinha diretamente até aos ombros. Não havia estreitamento nem recorte; o pescoço era tão largo como a cabeça.

O nariz também era conspícuo, de perfil agora quase não se via. Tinha sido esmagado e empurrado para o lado; arranhões e pequeninos cortes formavam um padrão na superfície da pele. Também a face direita estava arranhada e pisada. Toda a cara estava inchada, com a pele branca e flácida. Vista de cima, a carne afundava-se numa concavidade abaixo das maçãs do rosto. A palidez do rosto não

era apenas a palidez da morte. Este era um homem que tinha vivido sobretudo dentro de casa.

O homem tinha cabelo escuro e uma barba curta, talvez deixada crescer numa tentativa de disfarçar o pescoço, mas não era possível disfarçar uma coisa daquelas por mais de um segundo. A barba constituía uma distração visual, mas, quase instantaneamente, seria vista como camuflagem, não mais do que isso, pois corria ao longo da linha do maxilar e continuava para baixo, por aquele pescoço tipo coluna, como se não soubesse onde devia parar. Vista desta altura, parecia quase que se tinha espalhado pelo pescoço e depois para os lados, um efeito que era exagerado pela forma como a barba se tornava cada vez mais branca nos lados da cara.

As orelhas eram surpreendentemente delicadas, quase femininas. Se não fosse pela barba, uns brincos não teriam parecido descabidos. Abaixo da orelha direita, mesmo para lá do fim da barba e num ângulo de trinta graus, havia uma cicatriz cor-de-rosa. Tinha cerca de três centímetros e a grossura de um lápis; apresentava um aspeto irregular, como se quem lhe tivesse cosido a pele estivesse cheio de pressa ou tivesse tido pouco cuidado por ele ser um homem e uma cicatriz não ser coisa com que um homem se devesse preocupar.

A sala estava fria e o único som que se ouvia era o ruído rouco do ar condicionado. O volumoso peito do homem não se movia para cima e para baixo e ele também não se agitava com o desconforto do frio. Estava ali deitado de olhos fechados, nu por baixo do lençol. Não estava à espera, pois já estava para lá de poder esperar, como também já não podia estar atrasado ou à hora. Podia ser-se tentado a dizer que ele se limitava a estar. Mas isso seria mentira, pois ele já não *estava* lá.

Na sala, jaziam mais duas formas, cobertas de forma semelhante, embora estivessem mais perto das paredes: o homem de barba estava no centro. Se um homem que mente sempre contar a alguém que é mentiroso, estará a dizer a verdade? Se ninguém estiver vivo numa sala, estará a sala vazia?

No outro extremo, abriu-se uma porta, e um homem alto e magro, de bata branca, ficou a segurá-la o tempo suficiente para que outro homem passasse por ele e entrasse na sala. O primeiro homem lar-

gou a porta; ela fechou-se devagar, com um estalido suave, quase líquido, que ressoou alto naquela sala fria.

«Está ali, Guido», disse o Doutor Rizzardi, caminhando atrás de Guido Brunetti, Comissário de Polícia da cidade de Veneza. Brunetti parou como se fosse o caminhante e olhou para a crista coberta de branco que era o corpo do homem. Rizzardi passou por ele e encaminhou-se para a laje onde o morto estava deitado.

«Foi esfaqueado ao fundo das costas com uma lâmina muito estreita. Menos de dois centímetros de largura, diria eu, e quem o fez era muito bom ou teve muita sorte. Há duas pequenas pisaduras na parte da frente do braço esquerdo», disse Rizzardi, parando junto ao corpo. «E tem água nos pulmões», acrescentou ele. «Por isso, ainda estava vivo quando foi para a água. Mas o assassino atingiu uma artéria principal: ele não tinha qualquer hipótese. Esvaiu-se até à morte em minutos.» Depois, em tom sombrio, Rizzardi acrescentou: «Antes de poder afogar-se.» Antes que Brunetti pudesse perguntar, o patologista disse; «Aconteceu ontem à noite, algum tempo depois da meia-noite, diria eu. Uma vez que estive submerso, não consigo ser mais preciso.»

Brunetti permaneceu a meio caminho da mesa, olhando ora para o morto ora para o patologista. «O que lhe aconteceu à cara?», perguntou Brunetti, ciente de como seria difícil sequer reconhecer uma fotografia dele; de facto, ciente de como seria difícil sequer olhar para uma fotografia daquela cara desfeita e inchada.

«Creio que ele caiu para a frente quando foi esfaqueado. Provavelmente estava demasiado aturdido para amparar a queda com as mãos.»

«Podes tirar-lhe uma fotografia?», perguntou Brunetti, interrogando-se se Rizzardi seria capaz de disfarçar um pouco os estragos.

«Queres pedir às pessoas que olhem para ela?» Não era uma resposta de que Brunetti gostasse, mas era uma resposta. Depois, após uns instantes, o patologista disse: «Vou ver o que posso fazer.»

Brunetti perguntou: «E que mais há?»

«Eu diria que ele tem quarenta e muitos, era relativamente saudável, não era alguém que usasse as mãos para trabalhar, mas não posso acrescentar mais nada.»

«Porque é que ele tem uma forma tão estranha?», perguntou Brunetti, enquanto se aproximava da mesa.

«Estás a referir-te ao peito dele?», perguntou Rizzardi.

«E ao pescoço», acrescentou Brunetti, de olhos postos na sua espessura.

«É uma coisa chamada doença de Madelung», disse Rizzardi. «Já tinha lido sobre ela e lembro-me de se falar dela na universidade, mas nunca a tinha visto antes. Só em fotografias.»

«Qual é a causa?», perguntou Brunetti, aproximando-se até ficar junto ao morto.

Rizzardi encolheu os ombros. «Quem sabe?» Como se ele próprio tivesse acabado de ouvir um médico a dizer uma coisa daquelas, acrescentou rapidamente: «É comum haver uma ligação com o alcoolismo, por vezes com uso de drogas, embora não seja o caso dele. Ele certamente não bebia muito e também não vi sinais de uso de drogas.» Fez uma pausa, depois continuou: «A maioria dos alcoólicos não tem a doença, graças a Deus, mas os homens que a têm — e são quase sempre homens — são na sua maioria alcoólicos. Ninguém deu mostras de conseguir entender por que é que isto aparece.»

Aproximando-se mais do cadáver, Rizzardi apontou para o pescoço, que era particularmente grosso na parte de trás e onde Brunetti conseguia ver o que se assemelhava a uma pequena bossa. Antes que ele tivesse oportunidade de fazer qualquer pergunta, Rizzardi continuou: «É gordura. Acumula-se aqui», disse ele, apontando para a bossa. «E aqui.» Indicou o que pareciam ser seios, por baixo do pano branco, no mesmo local em que estariam no corpo de uma mulher.

«Começa a manifestar-se na casa dos trinta ou quarenta e concentra-se na parte superior do corpo.»

«Queres dizer que se limita a crescer?», perguntou Brunetti, tentando imaginar uma coisa daquelas.

«Sim. Por vezes, também aparece na parte superior das pernas. Mas, no caso dele, é só no pescoço e no peito.» Fez uma pausa, pensando por uns instantes, depois acrescentou: «Transforma-os em barris, pobres diabos.»

«É comum?», perguntou Brunetti.

«Não, de todo. Acho que a bibliografia só regista algumas centenas de casos.» Encolheu os ombros. «Na realidade não se sabe grande coisa.»

«Mais alguma coisa?»

«Foi arrastado por uma superfície áspera», disse o patologista, conduzindo Brunetti ao extremo da mesa e levantando o lençol. Apontou para a parte de trás dos calcanhares do morto, onde a pele estava arranhada e rasgada. «Também há sinais no fundo das costas.»

«De quê?», perguntou Brunetti.

«Alguém o agarrou por debaixo dos braços e o arrastou pelo chão, diria eu. Não há gravilha na ferida», disse ele, «por isso, é provável que o chão fosse de pedra.» Para esclarecer melhor, Rizzardi acrescentou: «Só tinha um sapato, um mocassim. Isso sugere que o outro foi arrancado.»

Brunetti deu alguns passos de novo para junto da cabeça do homem e olhou para o rosto barbudo. «Tem olhos claros?», perguntou ele.

Rizzardi olhou para ele com surpresa evidente. «Azuis. Como é que sabias?»

«Não sabia», respondeu Brunetti.

«Então por que perguntaste?»

«Acho que o vi em algum lado», respondeu Brunetti. Olhou fixamente para o homem, para a cara, a barba, a ampla coluna que era o seu pescoço. Mas, para lá da certeza acerca dos olhos, a memória falhou-lhe.

«Se já o tivesses visto, é provável que te lembrasses dele, não é?» O corpo do homem constituía uma resposta suficiente para a pergunta de Rizzardi.

Brunetti anuiu com a cabeça. «Eu sei, mas se pensar nele, não encontro nada.» A sua incapacidade de se lembrar de uma coisa tão excepcional como a aparência deste homem incomodava mais Brunetti do que ele gostaria de admitir. Teria visto uma fotografia, uma imagem nos registos da polícia ou teria sido uma ilustração em alguma coisa que tivesse lido? Tinha folheado o abjeto livro de Lombroso alguns anos antes: será que este homem não fazia mais do que recordar-lhe um daqueles portadores de «criminalidade hereditária»?

Mas as ilustrações de Lombroso eram a preto e branco; será que se conseguia distinguir se os olhos eram claros ou escuros? Brunetti procurou a imagem que a sua memória tinha retido e olhou fixamente para a parede à sua frente para a tentar recuperar. Mas não lhe